

DEMOCRACIA ATENIENSE

O debate em praça pública

Consideremos primeiramente o contexto histórico em que surgiu o pensamento clássico grego. Este coincidiu com o apogeu político, econômico e cultural das cidades gregas, produzido entre os séculos VI e IV a.C. (período clássico da história da Grécia antiga), especialmente de Atenas e de sua democracia.

Até meados do século VIII a.C., Atenas havia vivido sob o regime monárquico, mas o poder do rei foi passando aos poucos para as mãos dos arcontes, representantes da aristocracia ateniense (os eupátridas), que comandavam o governo da cidade.

Entre os séculos VII e VI a.C., diversas reformas – promovidas sucessivamente por Drácon, Sólon e Clístenes – foram criando uma nova forma de governar, que se guiava basicamente pelo princípio da isonomia, isto é, de que todos os cidadãos têm o mesmo direito perante as leis. Nascia, assim, a democracia ateniense.

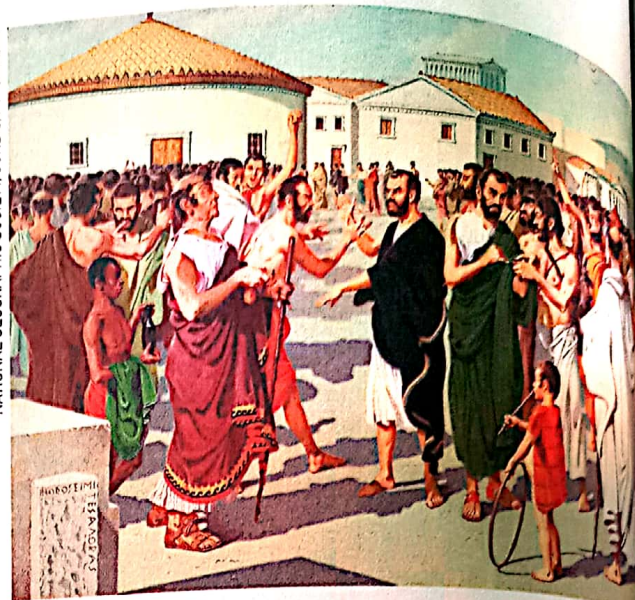
A partir do século V a.C., sob a liderança de Péricles (499-429 a.C.), essas reformas políticas aprofundaram-se e Atenas atingiu grande esplendor, tanto no campo econômico como cultural. Nessa cidade viveu – ou por ela passou – boa parte dos mais destacados artistas e intelectuais da época, vindos de diversas partes do mundo grego: dramaturgos, arquitetos, escultores, historiadores e filósofos, entre outros.

É preciso ressaltar, no entanto, que há várias diferenças entre as democracias atuais e a antiga democracia ateniense. Apenas uma pequena parte da população masculina adulta era reconhecida como cidadão em Atenas. Além disso, tratava-se de uma sociedade escravista – escravos, mulheres e jovens menores de 21 anos não tinham direitos políticos. Nem mesmo os estrangeiros (os metecos, pessoas não nascidas em Atenas), que residiam em grande número na cidade, podiam participar da vida democrática.

Por outro lado, apesar dessas limitações, a democracia ateniense era uma democracia direta, isto é, cada cidadão tinha não apenas direito ao **voto**, mas também à **palavra**. As discussões se davam na chamada **ágora**, principal praça pública da cidade, onde todos os cidadãos se reuniam em assembleia.

Desse modo, propiciando a participação de um número maior de habitantes na discussão sobre temas práticos e públicos, a instituição democrática ateniense favoreceu também o desenvolvimento

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY/CORBIS/FOOTARENA



Atenienses reunidos na ágora debatem e votam sobre a condenação de um cidadão ao ostracismo (desterro por motivos políticos).

de uma cultura que valorizava o uso da palavra e da razão (conforme comentamos no capítulo anterior). As **habilidades argumentativas e dialéticas** dos cidadãos tornaram-se um bem cada vez mais apreciado. Foi nesse contexto que apareceram os **sofistas** e **Sócrates**.

■ Sofistas: a retórica

Os sofistas pertenciam, em geral, à periferia do mundo grego. Eram professores viajantes que vendiam seus ensinamentos, empregando a **exposição** ou o **monólogo** como método de ensino.

Conforme o interesse dos alunos, davam aulas de eloquência e de sagacidade mental ou ensinavam elementos úteis para o sucesso nas atividades públicas e privadas. Alguns deles diziam-se mestres em qualquer assunto, desde a arte de fazer sapatos até a ciência política e de como viver bem na pólis grega. Por isso eram chamados de **sofistas**, palavra de origem grega que quer dizer “grande mestre ou sábio”, algo como “supersábios”.

Segundo alguns estudiosos, entre os ensinamentos dos sofistas destacavam-se aqueles que tinham como principal objetivo o desenvolvimento da habilidade da **argumentação**, além do domínio de **doutrinas divergentes**. De acordo com essa interpretação, eles buscavam transmitir a seus discípulos todo um **jogo de palavras, raciocínios e concepções** úteis em um debate para driblar as teses dos adversários e convencer as pessoas.

O momento histórico vivido pela civilização grega – uma época de lutas políticas e intenso conflito de opiniões nas assembleias democráticas – favoreceu o desenvolvimento desse tipo de atividade em Atenas. Por isso, muitos cidadãos sentiam a necessidade de aprender a **retórica** ou **oratória** para conseguir persuadir as pessoas em assembleias e, muitas vezes, fazer prevalecer seus interesses individuais e de seu grupo social.

Retórica ou oratória – arte de falar e argumentar em público.

Essas características dos ensinamentos dos sofistas favoreceram o surgimento de concepções filosóficas **relativistas** sobre as coisas. Como vimos anteriormente, para o relativismo não há uma verdade única, absoluta (ou, se ela existe, não podemos conhecê-la). Assim, a “verdade” seria algo relativo ao indivíduo, ao momento histórico, a um conjunto de fatores, circunstâncias e consensos dentro de uma sociedade. (Reveja o conceito de relativismo no capítulo 10.)

Heróis ou vilões?

Como vimos, o termo **sofista** teve originalmente um significado positivo. Entretanto, com o decorrer do tempo, ganhou o sentido de “enganador” ou “impostor”, devido sobretudo às críticas de Platão, cujo pensamento estudaremos mais adiante.

Desde então, considerou-se a **sofística** (ou arte dos sofistas) apenas uma atitude viciosa do espírito, uma arte de manipular raciocínios, produzir o falso, iludir os ouvintes, sem nenhum amor pela verdade. Verdade, em grego, se diz *aletheia*, que significa “manifestação daquilo que é”, “o não oculto”. *Aletheia* opõe-se a *pseudos*, que significa “o falso”, “aquilo que se esconde, que ilude”. Os sofistas pareciam não buscar a *aletheia*; contentavam-se com *pseudos*.

Por isso hoje se utiliza a palavra **sofisma**, derivada de sofista, para designar um raciocínio aparentemente correto, mas que na realidade é falso ou inconclusivo, geralmente formulado com o objetivo de enganar alguém (como vimos no capítulo 5).

Entretanto, abordagens mais recentes sobre a atuação dos sofistas procuram mostrar que o relativismo de suas teses fundamenta-se em uma concepção flexível sobre os seres humanos, a sociedade e a compreensão do real, e esta não pode, portanto, ser reduzida a um único sistema. Assim, não existiriam valores ou verdades absolutas.

É importante destacar, por último, que não existe uma doutrina sofística única. O que há são alguns aspectos comuns entre as concepções de certos sofistas, como Protágoras, Górgias e outros, o que permitiu serem considerados um conjunto ou corrente.

Protágoras de Abdera

Detalhe de *Protágoras de Abdera* (1637) – Jusepe de Ribera. O filósofo viu-se obrigado a deixar a pólis ateniense quando passou a afirmar que não é possível saber se os deuses existem.



WADSWORTH ATHENEUM MUSEUM, HARTFORD, EUA

Nascido em Abdera (a mesma cidade natal de Demócrito), Protágoras (c. 480-410 a.C.) é considerado o primeiro e um dos mais importantes sofistas. Ensinou por muito tempo em Atenas, tendo como princípio básico de sua doutrina a ideia de que o **homem é a medida de todas as coisas**.

Por essa frase ter chegado a nós isolada de seu contexto, teve várias interpretações. Buscando uma síntese entre elas, podemos dizer que Protágoras afirmava que o mundo é aquilo que cada indivíduo ou grupo social consegue perceber que é. A realidade é relativa a cada um (indivíduo, grupo social, cultura), ou seja, depende de suas disposições, concepções, modos de ser e de viver. Não se pode saber se há uma realidade absoluta. Desse modo, o mundo é como os seres humanos o interpretam, constroem ou destroem, múltiplo e variado, visão que coincide, em parte, com a de Heráclito.

A filosofia de Protágoras sofreu críticas em seu tempo por dar margem a um grande **subjetivismo**: tal coisa será verdadeira se para mim parecer verdadeira, mas falsa para outro que a veja como falsa. Assim, qualquer tese poderia ser encarada como falsa e verdadeira ao mesmo tempo, dependendo da ótica de cada um.

Essa visão relativista da realidade também ameaçava o projeto metafísico de conhecer os fundamentos do real (como esboçaram os pré-socráticos) ou a essência das coisas (como defenderiam Sócrates, Platão e Aristóteles), despertando por isso grande oposição.

Górgias de Leontini

Górgias de Leontini (c. 487-380 a.C.) foi um dos grandes oradores da Grécia. Ele afirmava que um

bom orador é capaz de convencer qualquer pessoa sobre qualquer coisa.

Como vimos anteriormente (no capítulo 10), Górgias afirmava que:

- a) o ser não existe;
- b) se existisse, não poderia ser conhecido;
- c) mesmo que fosse conhecido, não poderia ser comunicado a ninguém.

Desse modo, aprofundando o subjetivismo relativista de Protágoras, atingiu um **ceticismo absoluto**.

► Sócrates: a dialética

H.-D. FALKENSTEIN/IMAGE BROKER RND/DIOMEDIA



Imortalizado nos diálogos de Platão, Sócrates tornou-se um mestre e um exemplo da conduta ética até nossos dias. Suas lições expressam-se em frases como: "Penso que não ter necessidade é coisa divina e ter as menores necessidades possíveis é o que mais se aproxima do divino".

Nascido em Atenas, Sócrates (469-399 a.C.) é tradicionalmente considerado um marco divisor da história da filosofia grega. Por isso, como vimos antes, os filósofos que o antecederam são chamados de pré-socráticos e os que o sucederam, de pós-socráticos. O próprio Sócrates, porém, não deixou nada escrito. O que se sabe dele e de seu pensamento vem dos textos de seus discípulos e de seus adversários.

Sócrates era filho de um escultor e de uma parteira – dupla herança que o levou a buscar esculpir, simbolicamente, uma representação autêntica do ser humano e a ajudar seus discípulos a dar à luz suas próprias ideias (conforme vimos mais detidamente no capítulo 3).

O estilo de vida de Sócrates assemelhava-se, exteriormente, ao dos sofistas, embora não “vendesse” seus ensinamentos. Desenvolvia o saber filosófico em praças públicas conversando com os jovens, sempre dando demonstrações de que era preciso unir a vida concreta ao pensamento. Unir o saber ao fazer, a consciência intelectual à consciência prática ou moral.

Tanto quanto os sofistas, Sócrates abandonou a preocupação dos filósofos pré-socráticos em explicar a natureza e concentrou-se na **problemática**

do ser humano. No entanto, se opôs ao relativismo quanto à questão da moralidade e ao uso da retórica para atingir interesses particulares, entre outros aspectos que marcaram sua diferença com a tradição sofista.

Debate com sofistas

Embora em sua época tenha sido confundido com os sofistas, Sócrates travou uma polêmica profunda com esses filósofos. Ele procurava um fundamento último para as interrogações humanas (O que é o bem? O que é a virtude? O que é a justiça?), enquanto os sofistas – conforme a visão de seus críticos – situavam suas reflexões a partir dos dados empíricos, o sensorio imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência (da virtude, da justiça, do bem etc.) a partir da qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

A pergunta fundamental de Sócrates era: qual é a essência do ser humano, ou o que o ser humano é essencialmente? Sua resposta apontava para a ideia de que o ser humano é sua **alma**, entendida aqui como a sede da **razão**, o nosso **eu consciente** (que inclui a consciência intelectual e a consciência moral), pois é o que nos distingue de todos os outros seres da natureza.

Por isso, o autoconhecimento era um dos pontos básicos da filosofia socrática. “Conhece-te a ti mesmo”, frase inscrita no Oráculo de Delfos, era a recomendação primordial feita por Sócrates a seus discípulos.

Diálogo crítico

Como vimos antes, a filosofia de Sócrates era desenvolvida mediante o **diálogo crítico** (ou **dialética**) com seus interlocutores, o qual pode ser dividido em dois momentos básicos:

- **refutação ou ironia** – etapa em que o filósofo interrogava seus interlocutores sobre aquilo que pensavam saber, formulando-lhes perguntas e procurando evidenciar suas contradições. Seu objetivo era fazê-los tomar consciência profunda de suas próprias respostas, das consequências que poderiam ser tiradas de suas reflexões, muitas vezes repletas de conceitos vagos e imprecisos;
- **maiêutica** – etapa em que ele propunha aos discípulos uma nova série de questões, com o objetivo de ajudá-los a conceber ou reconstruir suas próprias ideias. Por isso, essa fase é chamada de **maiêutica**, termo que em grego significa “arte de trazer à luz”. (Reveja a explicação detalhada desse processo no capítulo 3.)